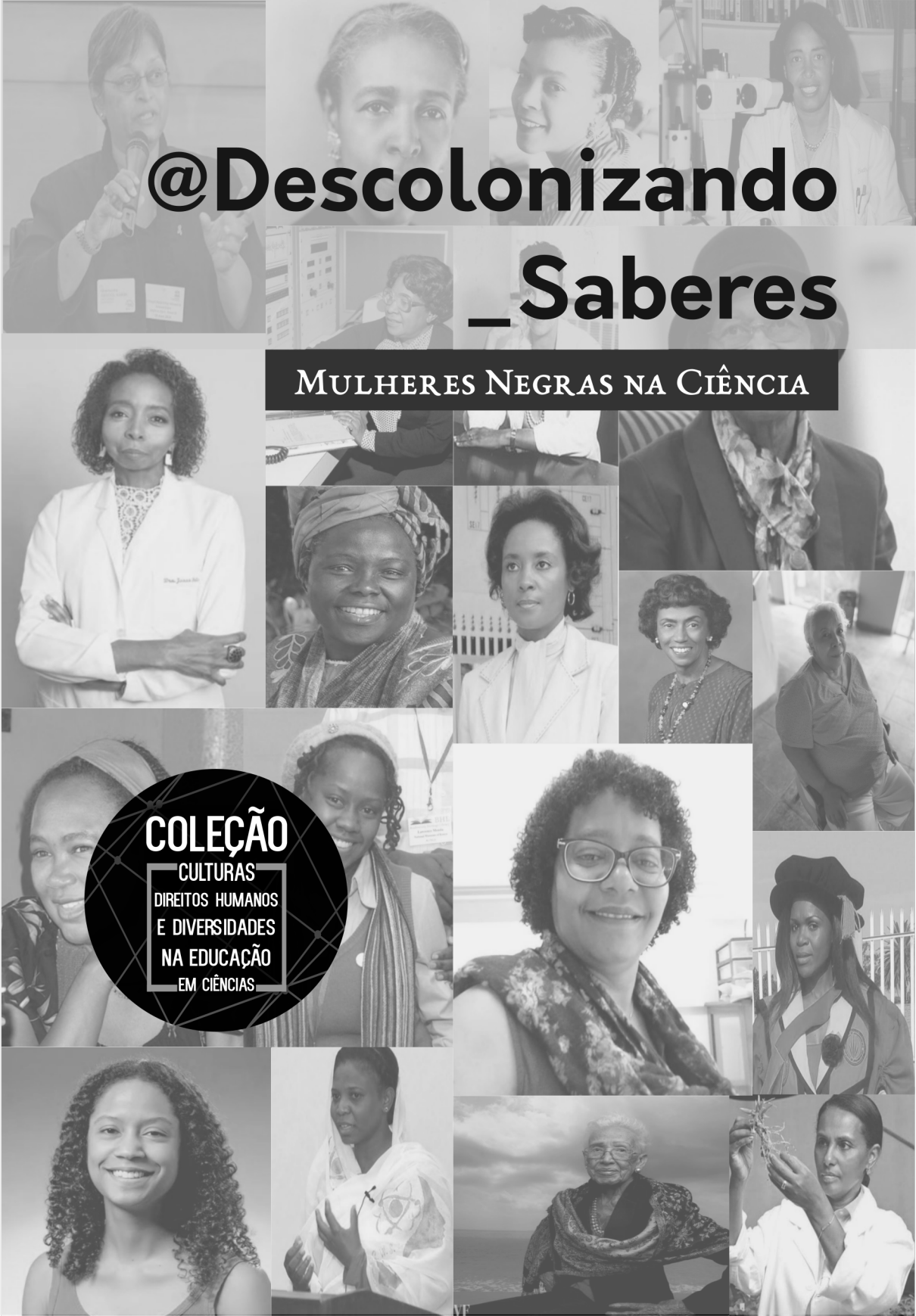

@Descolonizando _Saberes

Mulheres Negras na Ciência

COLEÇÃO
CULTURAS
DIREITOS HUMANOS
E DIVERSIDADES
NA EDUCAÇÃO
EM CIÊNCIAS

Bárbara Carine Soares Pinheiro

@Descolonizando _Saberes

Mulheres Negras na Ciência

LF EDITORIAL
Editora Livraria da Física
São Paulo
2020

Copyright © 2020 Editora Livraria da Física

Editor: JOSÉ ROBERTO MARINHO
Editoração Eletrônica: EDI CARLOS PEREIRA DE SOUSA
Capa: EDI CARLOS PEREIRA DE SOUSA
Revisão textual: GABRIEL NASCIMENTO

Texto em conformidade com as novas regras ortográficas do Acordo da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pinheiro, Bárbara Carine Soares

@Descolonizando_saberes: mulheres negras na ciência / Bárbara Carine Soares Pinheiro. – São Paulo : Editora Livraria da Física, 2020. – (Coleção culturas, direitos humanos e diversidades na educação em ciências)

Bibliografia.
ISBN: 978-65-5563-003-9

1. Mulheres negras 2. Mulheres negras - Biografia 3. Mulheres negras - Brasil 4. Mulheres negras na ciência I. Título II. Série.

20-34669 CDD-500

Índices para catálogo sistemático:
1. Mulheres na ciência: História 500

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

ISBN: 978-65-5563-003-9

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora. Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107 da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Impresso no Brasil • *Printed in Brazil*

LF EDITORIAL
Editora Livraria da Física
Tel./Fax: +55 11 3459-4327 / 3936-3413
www.livrariadafísica.com.br

Para e pela minha bisavó, minha avó, mainha e minha filha.
Obrigada por me tornarem diariamente quem sou.

Coleção "Culturas, Direitos Humanos e Diversidades na Educação em Ciências"

A elaboração da coleção "Culturas, Direitos Humanos e Diversidades na Educação em Ciências" está inserida em um cenário de política educacional nacional que valoriza a formação de professores a partir de valores sociais pertinentes aos Direitos Humanos. Esse entendimento se fortaleceu no Brasil como política de Estado a partir da Constituição de 1988 e, posteriormente, a partir da construção dos Programas Nacionais de Direitos Humanos - PNDH (BRASIL, 2003) e do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos - PNEDH (BRASIL, 2006), nos quais a Educação em Direitos Humanos é compreendida como um processo que articula três dimensões: a) conhecimentos e habilidades: compreender os direitos humanos e os mecanismos existentes para a sua proteção, assim como incentivar o exercício de habilidades na vida cotidiana; b) valores, atitudes e comportamentos: desenvolver valores e fortalecer atitudes e comportamentos que respeitem os direitos humanos; c) ações: desencadear atividades para a promoção, defesa e reparação das violações aos direitos humanos. Em 2012, o Conselho Nacional de Educação aprovou as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (BRASIL, 2012), reforçando em seu artigo 4º que a Educação em Direitos Humanos possui como base a afirmação de valores, atitudes e práticas sociais que expressem a cultura dos direitos humanos em todos os espaços da sociedade e a formação de uma consciência cidadã capaz de se fazer presente nos níveis cognitivo, social, cultural e político.

Por fim, destacamos que em 2015, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos profissionais do Magistério da Educação Básica (BRASIL, 2015) reafirmaram o compromisso dos professores da Educação Básica e Superior com a Educação em Direitos Humanos, considerando-a como uma "necessidade estratégica na formação dos profissionais do magistério e na ação educativa em consonância com as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos".

Tendo em vista esse cenário, imaginamos que a criação desta coleção possa proporcionar aos investigadores(as) da área de Educação em Ciências a publicação de suas pesquisas e indagações fomentando diálogos a partir das seguintes questões:

1. Educação em Direitos Humanos na formação e na prática de professores de Ciências;

2. Questões étnico-raciais na formação e na prática de professores de Ciências;

3. Sexualidades na formação e na prática de professores de Ciências;

4. Saberes tradicionais e científicos na formação e na prática de professores de Ciências;

5. Questões de Gênero na formação e na prática de professores de Ciências;

6. Cultura e Território na formação e na prática de professores de Ciências;
7. Estudos decoloniais na formação e na prática de professores de Ciências.

Aguardamos suas contribuições e vamos juntos construir uma Educação em Ciências mais humanizada. Feita por pessoas e para as pessoas – todas elas.

Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira
Glória Regina Pessôa Campello Queiroz

Referências

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

BRASIL. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução n.1/2012, de 30 de maio de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, p. 48, 31 maio 2012. Resolução CNE/CP 1/2012.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério da Educação Básica. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, p. 8-12, 25 jun. 2015. Resolução CNE/CP 2/2015.

Conselho Editorial

Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira (Dr. UFPR) – coordenador
Glória Regina Pessôa Campello Queiroz (Dra. UERJ) – coordenadora
Ana Carolina Amaral de Pontes (Dra. UFRPE)
Andreia Guerra (Dra. CEFET-RJ)
Bárbara Carine Soares Pinheiro (Dra. UFBA)
Bruno Andrade Pinto Monteiro (Dr. UFRJ)
Celso Sánchez Pereira (Dr. UNIRIO)
Claudia Miranda (Dra. UNIRIO)
Helena Esser dos Reis (Dra. UFG)
Irlan von Linsingen (Dr. UFSC)
Isabel Martins (Dra. UFRJ)
José Euzébio Simões Neto (Dr. UFRPE)
José Gonçalves Teixeira Júnior (Dr. UFU)
Juliano Soares Pinheiro (Dr. UFU)
Katemari Rosa (Dra. UFBA)
Katia Dias Ferreira Ribeiro (Dra. UFMT)
Leonardo Moreira Maciel (Dr. UFRJ)
Luiz Claudio da Silva Câmara (Dr. UFRJ)
Luiz Fernando Marques Dorvillé (Dr. UERJ)
Marcelo Andrade (Dr. PUC-RIO)
Maria de Lourdes Nunes (Dra. UFPI)
Maria Luiza Gastal (Dra. UnB)
Marlon Herbert Flora Soares (Dr. UFG)
Martha Marandino (Dra. USP)
Maura Ventura Chinelli (Dra. UFF)
Mônica Andréa Oliveira Almeida (Dra. CAp-UERJ)
Natália Tavares Rios Ramiarina (Dra. UFRJ)
Nicéa Quintino Amauro (Dra. UFU)
Paulo Cesar Pinheiro (Dr. UFSJ)
Plábio Marcos Martins Desidério (Dr. UFT)
Pedro Pinheiro Teixeira (Dr. PUC–Rio)
Suzani Cassiani (Dra. UFSC)

Prefácio

Se o acesso "*de meninas e mulheres ao conhecimento científico e à carreira acadêmica oferece desafios a serem enfrentados, as dificuldades para as mulheres negras são ainda maiores*" (Catarina Marcolin e Zélia Ludwig).

Minha infância, na cidade de Franca/SP, foi cercada por dois tipos de sentimentos: um fora de casa e o outro dentro de casa. Fora de casa, a minha infância foi muito triste porque sofri várias chacotas por causa da cor de minha pele, do cabelo crespo, das roupas remendadas, dos sapatos furados e vários outros traços e ainda tinha o apelido de "a negrinha fedida do curtume". Dentro de casa era o lugar de refúgio e muita felicidade devido ao amor dos meus pais que sempre diziam "estude para vencer na vida". Meus pais pediam para utilizar os preconceitos, as humilhações e os xingamentos sofridos, como ferramentas para vencer na vida.

Para as mulheres negras, a conquista de determinados direitos e de determinados espaços é muito mais difícil, além de não termos condições e nem tempo de sermos frágeis.

"A gente reconhece a fortaleza que criamos na resiliência, que nos agrega, que nos salva. Sem essa fortaleza, sem a criação de táticas de sobrevivência, a nossa ancestralidade morreria nos próprios porões dos navios (negreiros)", frase muito bem destacada pela escritora Conceição Evaristo.

O *@descolonizando_saberes: mulheres negras nas ciências* é um livro que tem a finalidade de difundir grandes nomes da ciência africana e afrodiaspórica, socializando produções científico-tecnológicas de mulheres negras das ciências biomédicas, matemáticas e tecnológicas. No capítulo um a autora Profa. Dra. Bárbara Carine traz uma escrevivência da sua trajetória enquanto mulher negra, mãe, filha, irmã, amiga, companheira, professora de química, doutora, pesquisadora, que, só depois de ter escrito sua tese de doutorado, percebeu que nunca tratou de suas motivações pessoais, nunca deu sentidos próprios a sua produção, à sua intelectualidade e à sua escrita. O capítulo dois apresenta um debate acerca da história da ciência em uma perspectiva descolonial. O capítulo três, por sua vez, apresenta as produções de várias cientistas negras africanas e afrodiaspóricas que nos inspiram diariamente.

Este livro revela a importância de brasileiras notáveis, cujas realizações, às vezes ignoradas pela sociedade, ajudam a inspirar e aumentar a autoestima coletiva, além terem contribuído para a redução das desigualdades raciais, econômicas e sociais.

"Como pessoas negras, temos que nos apoiar e apoiar uns aos outros. Devemos querer uns aos outros para ter sucesso, especialmente se esse sucesso estiver vinculado ao levantamento de nossa comunidade. Nem precisamos gostar um do outro. Mas devemos defender, proteger e elevar uns aos outros. Na verdade, sem isso nem sequer somos uma comunidade. Somos simplesmente indivíduos que se assemelham uns aos outros" (Dr. Runoko Rashidi).

Profa. Dra. Joana D'Arc Félix de Sousa

ETEC Prof. Carmelino Corrêa Júnior
Franca/SP

Apresentação do Livro e de Nós

"Fomos socializadas para respeitar mais ao medo que às nossas próprias necessidades de linguagem e definição, e enquanto a gente espera em silêncio por aquele luxo final do destemor, o peso do silêncio vai terminar nos engasgando"

– AUDRE LORDE

Eis aqui um coletivo de mulheres que, não só, "[...] combinou de não morrer", como muito bem destaca a grande escritora Conceição Evaristo, mas que viveu e se tornou referência para todas aquelas que vieram depois, fazendo valer o sangue derramado por suas ancestrais. Este é um texto sobre mulheres negras nas ciências tidas socialmente como'exatas' – uma ilusão subjetiva que visa a supremacia objetiva do campo - escrito por uma mulher negra oriunda desta área. De modo que inicio corroborando com Giovana Xavier ao informar a esta academia brancocêntrica e eurocêntrica, que é possível substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história (XAVIER, 2019).

O *@descolonizando_saberes: mulheres negras nas ciências* é um livro que surge a partir de uma página no Instagram na qual semanalmente desde 2017 eu divulgo imagens e histórias de pessoas negras africanas e afrodiaspóricas que foram/são referências científicas, em especial de áreas como as ciências biomédicas, matemática e tecnológicas. A página surgiu dos estudos que realizei já como professora do Instituto de Química da Universidade Federal da Bahia (UFBA) no intuito de, enquanto mulher negra que cursou uma graduação em Química, um mestrado e ou doutorado em ensino de Química e só teve um professor negro e nenhuma docente negra, resgatar onde estava a minha ancestralidade intelectual negra. Esses estudos para mim iniciaram em 2015 e desde então descobri que havia um passado encoberto, uma história silenciada, produções científico-tecnológicas pilhadas, uma intelectualidade ancestral negada. Percebi ali que precisava fazer algo para que as pessoas semelhantes a mim acessassem o quanto antes esses conhecimentos que timidamente eu resgatava no meu movimento pessoal. A partir disso, criei uma disciplina na universidade a qual, desde a segunda edição, ministro em companhia da professora e amiga Dra. Katemari Rosa, a qual também organizou comigo um livro sobre essa temática – o *Descolonizando Saberes: a lei 1639/2003 no Ensino de Ciências* – publicado por esta editora em 2018. Além disso, passei a dar muitas palestras sobre o assunto, idealizei junto com o pai da minha filha, o historiador e professor Dr. Ian Cavalcante, uma escola infantil com esses pressupostos, mas, ainda assim, a inserção no grande público era pequena. Foi aí que decidi fazer publicações constantes em minha própria rede social pensando nesse processo de difusão de uma ciência "negra". Rapidamente as pessoas passaram a compartilhar, curtir e comentar fortemente pedindo uma página só para o #Descolonizando. Logo na sequência criei a página no instagram intitulada *@descolonizando_saberes* e as pessoas continuaram inquietas e, dessa vez, me cobravam um livro. Relutei bastante, achei engraçado algumas vezes, mas, depois de um tempo, compreendi a seriedade daquela demanda e aqui estou eu para cumpri-la em nome da autoestima do meu povo e da socialização desses ícones da ciência, que necessitam ser publicizados largamente em todos os veículos de difusão científica.

Este livro é uma obra que tem como finalidade difundir grandes nomes da ciência africana e afrodiaspórica, socializando produções científico-tecnológicas de mulheres negras das ciências biomédicas, matemática e tecnológicas. Previamente trago uma escrevivência da minha trajetória enquanto mulher negra, mãe, filha, irmã, amiga, companheira, professora de química, doutora, pesquisadora; na sequência apresento um debate acerca da história da ciência em uma perspectiva descolonial; A seguir, apresento as produções dessas potentes mulheres que nos inspiram diariamente. Nesse sentido, sinalizo que a escolha das fontes e dos nomes foi aleatória, pautada nos materiais que, gradativamente, fui acessando, além das pessoas que pouco a pouco foram reconhecendo o meu trabalho e foram também me enviando (o meu muito obrigada a todas vocês!). Vale destacar também que nessas buscas muitas informações foram levantadas de sites outros como Wikipédia, Geledés (BUKKFEED, 2018), Revista Galileu, Brasil de Fato, dentre outras fontes. É importante também ressaltar que existem muitas outras cientistas negras que foram muito importantes para o desenvolvimento histórico das ciências, mas que não constam nesse livro, porque ou eu não consegui informações sobre elas ou ainda não cheguei a acessá-las.

Confesso que uma série de inseguranças me vieram à tona quando iniciei o processo de escrita desse livro: será que encontrarei editoras que queiram fazer esta publicação? Será que as pessoas se interessarão pela leitura? Será que as histórias não parecerão repetidas, visto que temos histórias de vidas cruzadas, dentre outras inseguranças decorrentes de um processo de racismo estrutural que, articulado a violência do patriarcado, coloca a nós, mulheres negras, na condição de hipersexualizadas, propensas a marginalidade e a trabalhos puramente manuais, desprovidas de desejos, de sonhos, de intelectualidade, de humanidade. Por vezes nos projetam como o outro do outro como cita Grada Kilomba (2012) – somos o outro por sermos mulheres e somos o outro por sermos pessoas negras. Somos o outro do outro e por vezes matam inclusive o outro que somos nós em virtude de uma não compreensão de paridade com aquilo que é tomado como o sujeito universal, que é o alterocídio pautado por Achile Mbembe (2018).

Superei essa insegurança do mesmo modo que superamos todas as outras, e não foram poucas, sendo essas as existentes habitualmente em nossas vidas enquanto mulheres negras. Mirei no exemplo de nossas ancestrais, mulheres que queimaram navios colonialistas, surraram invasores, chefiaram exércitos, fundaram quilombos, alforriaram companheiros, envenenaram senhores, atearam fogo nas plantações, incendiaram a casa grande etc. mulheres que, sem nunca perderem o afeto e a esperança, deram seu sangue para que hoje eu pudesse compor um grupo que é ainda seletode mulheres negras doutoras que produzem conhecimento no campo das ciências naturais, bem como formas de socialização delas. Foi o olhar para esse passado que me fez perceber que não tenho o direito de recuar: caímos, choramos, mas continuamos seguindo em frente por aquelas que vieram e por aquelas que virão.

Falar sobre nós mesmas é um processo de escrita que não é trivial, pois nos ensinaram que não só não sabemos escrever, publicar, pesquisar, mas também me ensinaram que na academia não se fala de si mesma. É a premissa da pretensa impessoalidade e neutralidade axiológica. Em nome desse ideal positivo de ciência aprendemos a abrir mão da primeira pessoa. Essa academia fortemente pautada na colonialidade eurocêntrica herda esse discurso não apenas do positivismo comteano, mas fundamentalmente de suas bases racionais grecoromanas que estabeleceram que a menina dos olhos do ocidente (a filosofia ocidental) surge a partir do rompimento do mito com o logos. Esta é uma perspectiva dicotômica que pauta a

produção de um conhecimento verdadeiro assentado unicamente na razão e no afastamento entre o sujeito e o objeto.

Projeto essa escrita aqui a partir de outro lugar, do lugar de quem atesta que não deve ser rotulada como pesquisa militante a possiilidade de investigar os seus. Também falo do lugar de quem se questiona sobre, afinal, qual pesquisa não é militante ao ser pensada a partir da construção de um projeto histórico? Concebo essa escrita como filha de África, como parte de um coletivo de mulheres vindas de tradições filosóficas que guardam uma cosmovisão ética de indissociabilidade entre o eu e o nós de maneira que negligenciar o nós significa abrir mão de nós mesmas, abandonar nossas próprias existências.

Nesse sentido, o que proponho aqui são escrevivências de mim e de nós. A escrevivência é uma estratégia de escrita que visa propagar vozes insistentemente caladas por outras narrativas. Segundo Evaristo (2006), a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar para os da casa-grande, e sim uma forma de incomodá-los em seus sonos injustos. Esta perspectiva foi cunhada pela própria Dra. Conceição Evaristo, como método de investigação, de produção de conhecimento e de posicionalidade implicada. A escrevivência, em meio a diversos recursos metodológicos de escrita, se utiliza da experiência da autora para viabilizar narrativas que dizem respeito à experiência coletiva de mulheres (SOARES; MACHADO, 2017).

Escreviver significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir a partir de um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas (SOARES; MACHADO, 2017). Evaristo (2006), discutindo sobre o conceito, considera que "o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si".

Mulheres negras tiveram a sua humanidade negada e, mediante a ausência do gênero humano, houve a negativa do gênero feminino também. Sabemos que o gênero é um constructo social surgido mediante o processo de surgimento da propriedade privada. O feminismo classista vai nos informar que, no contexto da revolução humana marcada pelo sedentarismo e surgimento da propriedade privada, houve a necessidade histórica de privação do corpo da mulher juntamente com a propriedade da terra. Isso se deu em virtude da questão da herança. As primeiras organizações sociais viviam de modo comunitário e tinham relações afetivo-sexuais livres do binarismo, da monogamia, da heteronormatividade e do patriarcado. Assim, quando uma mulher engravidava, seu filho/sua filha era uma criança filha da comunidade, e não existia figura paterna como horizonte, toda a comunidade se responsabilizava pela sobrevivência daquele novo membro.

No entanto, com o surgimento da herança, cria-se a necessidade social de atrelar os filhos e filhas aos seus respectivos pais. Como fisicamente é fácil identificar a progenitora da criança, mas não o seu pai, o homem necessitou criar vinculações do corpo da mulher à sua existência, tal qual uma relação de pertencimento da mulher ao homem. Nesse sentido, há uma nova divisão social generificada do trabalho, em que homens passam então a prover a sobrevivência da mulher, criando uma relação de dependência, fazendo-as acreditar que elas foram feitas para ficarem em casa e cuidarem do lar, pois são frágeis e não podem realizar trabalhos braçais, ou que são sensíveis, contidas, educadas, obedientes, passivas, fieis, pacientes,

caridosas, carinhosas, e obrigatoriamente maternas. As mulheres foram colocadas em um lugar cognitivo e social de subalternidade e dependência que, até os dias de hoje, é difícil sair.

Mas, e as mulheres negras, como diria Sojouner Truth, acaso não são mulheres? Estas carregam o peso dos açoites há quatro séculos nestas terras. São tidas como fortes, mulheres que tudo suportam. Suportam cirurgias sem ou com pouco anestésico, suportam o assassinato do filho, suportam bater uma laje, suportam carga, dor, humilhação, fome, desemprego, genocídio. São as mais assassinadas no Brasil, a maioria nas penitenciarias, nos subempregos, nas favelas, são a maioria quantitativa do país, mas são as que recebem os piores salários, os piores tratamentos etc. e se forem mulheres negras trans nem passam dos 35 anos de vida em média.

A escravidão necessitou desumanizar o ser humano negro para legitimar os maus tratos excessivos e toda a política letal do Estado. Para o clero, pessoas negras não tinham alma. Para o resto da sociedade branca também não. Eram animais. Animais não têm gênero – ninguém deixa de montar uma égua porque ela é fêmea e fêmeas são mais frágeis e vulneráveis. Fêmeas são apenas sexualizadas, como nós fomos/somos. Neste sentido, mulheres negras têm sexo, mas gênero não. Não são belas, recatadas, nem do lar. Ninguém espera isso de nós. Espera a força. A força de quem suporta ser abandonada, de quem suporta a solidão de, em relações heteroafetivas, ser preterida pelo homem branco e pelo homem negro em detrimento da mulher branca. A força de que desde que nascemos não sabemos o que é um cafuné, simplesmente porque nosso cabelo cresce para cima e ninguém sabe acariciar um cabelo sem ser de cima para baixo ou um cabelo cheio de creme. A força de quem desde cedo precisa aprender a se resolver com a solidão nos espaços escolares, desde o engolir o choro até o chorar desesperadamente e ninguém notar, simplesmente por que a mulher negra é invisível (PACHECO, 2013).

Mulheres negras são as aparentemente resolvidas afetivamente, mas só elas em sua solidão sabem o que é desejar um abraço, um afago, um conforto, um "você também pode chorar", "você é humana". São as mulheres que, majoritariamente, não escolhem parceiros ou parceiras, e, no afã da solidão, elas são escolhidas e por ali ficam na mendicância do respeito e do amor. São, portanto, mulheres hipersexualizadas e desintelectualizadas, do ponto de vista social.

Espero proporcionar neste texto momentos de reflexão, possibilitando um processo de reconstrução do papel da mulher negra na sociedade, retirando-a desse lugar social unicamente demarcado pelos fazeres braçais e pelas práticas sexuais, mas ressignificando esse papel, possibilitando a juventude negra feminina a premissa do futuro, de um futuro potente e distante do genocídio, encarceramento, prostituição e da invisibilização social. Um futuro mais próximo do nosso passado, mas não desse passado secular escravagista, mas de um passado milenar de grandes rainhas e grandes cientistas.

No capítulo a seguir trarei um pouco da minha trajetória acadêmica em uma narrativa autobiográfica, uma escrevivência. Fao isso pela necessidade de falarmos nós por nós, mas também por uma necessidade pessoal de uma menina que lá atrás na graduação foi ensinada que essas subjetividades não deveriam compor um trabalho acadêmico, pois a academia é o lugar da razão, da neutralidade axiológica, de uma ciência que demarca profundamente a separação entre sujeito e objeto. Então, talvez eu seja a voz dessa menina silenciada acerca de si própria querendo ecoar, e que, só depois de ter escrito uma tese de doutorado, percebeu que nunca tratou de suas motivações pessoais, nunca deu sentidos próprios à sua produção, à sua intelectualidade, à sua escrita. Apresento a vocês nessa próxima seção o meu EU que,

na verdade, não está e nunca esteve só. Trazemos em cada uma de nós os acúmulos de todas as outras. Somos individualmente grandes quilombos ancestrais. Neste capítulo, reservo-me o direito de citar apenas mulheres negras. Não me levem a mal, é apenas um desejo de justiça histórica.

No capítulo dois trarei alguns elementos teóricos para pensarmos a decolonialidade ou descolonialidade como uma possibilidade analítica de reconfigurarmos não só narrativas históricas, mas desconstruirmos a universalidade de cosmovisões generalizadas que imprimem sobre o outro a premissa da sua inexistência ontológica, epistemológica, intelectual, estética, cultural e humana.

No capítulo três apresentarei algumas das várias cientistas negras africanas e afrodiaspóricas, objetivando socializar essas potências intelectuais com o intuito de tornar públicas suas histórias, bem como de potencializar a juventude de mulheres negras no sentido da apropriação de referências científicas ancestrais, de modo que elas se vejam também projetadas nesses espaços de produção de conhecimento que são espaços sociais de poder. Neste sentido, apresento mulheres negras, que desenvolveram/desenvolvem conhecimento nas áreas das ciências exatas e biomédicas, tendo socializado importantes inventos nas suas áreas ou sendo pioneiras nas ocupações desses espaços.

Sumário

Coleção "Culturas, Direitos Humanos e Diversidades na Educação em Ciências" vii

Conselho Editorial ix

Prefácio xi

Apresentação do Livro e de Nós xvii

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes: a química, a negritude, a maternidade, o amor, a revolução, o mundo cabem em mim 1

História das Ciências e Descolonização de Saberes 13

Mulheres nas Ciências Biomédicas, nas Tecnologias e na Matemática 21

Merit Ptah . . . 21
Rebeca Davis Lee Crumpler . . . 22
Sarah Boone . . . 23
Odília Teixeira Lavigne . . . 24
Alice Augusta Ball . . . 25
Flemmie Pansy Kittrell . . . 26
Enedina Alves Marques . . . 27
Virgínia Leone Bicudo . . . 28
Marie Maynard Daly . . . 29
Mamie Phipps Clark . . . 30
Katherine Johnson . . . 31
Jane C. Wright . . . 32
Henrietta Lacks . . . 33
Ivone Lara . . . 34
Mary Winston Jackson . . . 35
Marie Van Brittan Brown . . . 36
Jewel Plummer Cobb . . . 37
Nair da França e Araujo . . . 38
Gladys Mae West . . . 39
Vivienne Lucille Malone-Mayes . . . 40
Annie J. Easley . . . 41
Wangari Muta Maathai . . . 42
Patrícia Bath . . . 43
Valerie Thomas . . . 44
Eliza Maria Ferreira Veras da Silva . . . 45

Octavia Butler 47
Mae Jemison 48
Sonia Guimarães 49
Segenet Kelemu 50
Denise Alves Fungaro 51
Quarraisha Abdool Karim 52
Francine Ntoumi 53
Joana D'arc Félix de Souza 54
Jarita Charmian Holbrook 55
Zélia Ludwig 56
Ijeoma Uchegbu 57
Dorothy Wanja Nyingi 58
Viviane dos Santos Barbosa 59
Buyisiwe Sondezi 60
Nashwa Abo Alhassan Eassa 61
Marcelle Soares Santos 62
Rapelang Rabana 63
Taynara Alves 64
Nadia Ayad 65

Concluindo o inconclusivo 67

Referências 69